Ano II — Lisboa, 25 de de Maio 1927 — N.º 76

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
Director literario: PAPIM
Director artistico: PAPUSSE

À FESTA

POR

GRACIETTE BRANCO

DESENHO de EDUARDO MALTA

FCH... ch.. ch... trois-trois!
... trois-trois...

.....

— Eh! «Zé Manel!»
Eh! Góis!
Vamos daí à festa!...

.....
... trois-trois...
.....

— Aonde é, «pá»?
— Sei lá!...
— ...¡Então!...
— Então, o quê?!
a gente logo vê..

.....

... Fch... ch... ch...
.....
..... Pum!...
.....

— Ouviste?
Olha: foi um
morteiro!

... Pum! Pum! Pum!...

— Eh! «pá»!
Vamos a ver
quem chega lá primeiro...
— Eh! «Zé Manel!»
Eh! Góis!

.....

Fch... ch... ch...
.....
trois... trois... trois...
.....

OS TRÊS CAPRICHOS DA PRINCESA

POR JOÃO DA SELVA
Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

CAPÍTULO III

NO PAÍS DAS NÉVOAS

O segundo príncipe dirigiu-se para o norte e depressa chegou a uma região onde o sol se escondia constantemente, ora em pesadas núvens, ora por por detrás de transparentes névoas azuladas que o tornavam frio e pálido.

Preguntou se para aqueles lados havia quem tecesse véus com os fios de névoas e os bordasse a pérolas de orvalho. Todas as pessoas se riram e o julgaram doido, mas quando no meio dum bosque êle se supôs perdido por não ver viva alma durante alguns dias, apareceu-lhe uma linda criatura que preguntou ao viajante o que queria.

— Quero um véu de noivado para a minha noiva, — respondeu êle. — Sabes dizer-me se há aqui quem o teça?

— Hei-de tecê-lo eu, — replicou a formosa mulher. — Sou a Fada dos Orvalhos e ninguêm os tece mais vaporosos. Agora é o inverno, — continuou ela, conduzindo através do bosque, o cavaleiro, — mas quando chegar o verão com as suas névoas azuladas da manhã, farei êsse trabalho para a tua noiva.

Por fim chegaram os dois a uma casa de gêlo muito bonita, mas muito fria, onde a Fada dos Orvalhos, servida por várias fadas inferiores, tratou com grande amabilidade o seu hóspede.

Ele, a princípio, estranhou um pouco o frio daquele país e a palidez doentia do sol, mas trataram-no tão bem que se habituou e achou-se lá perfeitamente feliz.

O seu coração foi arrefecendo, arrefecendo, com as coisas frias que o rodeavam e, quando chegou a primavera, não se lembrava já da sua noiva, nem da missão que ela lhe confiára. Era como se não tivesse nunca vivido senão ali.

Veio em seguida o verão e nas manhãs orvalhadas, viu tecer a Fada dos Orvalhos, sua protectora, os véus finíssimos de que só ela sabia o segredo. Eram fios azulados de neblina, todos luzentes de pérolas de orvalho, tal como sonhára a princesa, mas nem a vista dêles lhe recordou o passado porque o seu coração transformára-se em gelo e só o clima daquela terra lhe agradava agora.

CAPÍTULO IV

O PAÍS DO SOL

O príncipe que viajára em direcção do sol nascente, chegou, ao cabo de muitos meses a uma terra de muito calor. A princípio estranhou um pouco, mas depressa começou a dar-se bem com a luz mais intensa do dia. Preguntou a todos quantos encontrava se sabiam de alguêm capaz de fabricar um anel com os raios do sol, mas responderam-lhe com risadas, por o suporem doido.

Ao cabo de mais um mês de viagem, quando o verão

CORAÇÃO de OIRO

POR BALTAZAR

DESENHO DE EDUARDO MALTA

ERA uma vez um ratinho muito pequenino, inda mal coberto de pêlos, talvez de mama, que, esquecendo as recomendações da sua mamã Ratazana, saíu da sua toca, pulando de alegria.

Era uma linda tarde de maio, toda cheia de sol e de aromas das flores.

O pequeno rato, tal qual como os meninos turbulentos, saltitava num pequeno quarto onde o sol entrava a jôrros.

A pobre ratazana-mamã já o procurava anciosa por todos os cantos, mal supondo que êle se distanciara tanto!

Entretanto veio a noite e o ratito, sem atinar como buraco por onde fugira, passou a noite, acocorado, a um canto do quarto.

Veio a madrugada, voltou o sol, e o nosso rato já não brincava agora, cheio de susto e de fome. Só lhe lembrava a mãezinha e chorava. Eis senão quando os pequenos da casa dão com o pequeno fugitivo, e, numa alegria doida, batem as palmas ao vêrem um ratinho de carne e ôsso com que pudessem brincar.

Mas a sua mamã, que bem sabe os grandes prejuizos que os ratos causam, chama a criada para que lhe traga o gato: — Maria, traze aqui o Maltês...

Então, a alegria dum dos pequenos, transformou-se, sùbitamente, numa indiscritível dôr e, banhado em lágrimas, suplicou: — Mamã, querida Mamãzinha, não quero aqui o gato que vai comer o ratinho. Ele é muito pequenino e a mãe está a chorar por êle; deixe-o crescer que êle agora não rói coisa alguma. Quando fôr grande o Maltês o comerá.

E as lágrimas corriam pela face da criança descorada pela dor.

A mãe (que como todas as mães não podem ver chorar os filhos) mandou retirar a criada e o gato e deixou o pequeno roedor entregue à guarda da criança.

Mal a mamã voltou costas, o pequenino Baltazar (é êste o nome do herói desta proeza) pegou no ratinho e com todas as cautelas, foi metê-lo num pequeno buraco e, para ficar mais tranquilo, tapou-o com uma tábua, não deixando o gato fazer manobras todo aquele dia.

.....

Ora aqui está como êste ratinho foi um grande felizardo. Encontrou um pequeno salvador que, não fazendo mal aos animais, leva a sua bondade a proteger até mesmo aqueles que nos são nocivos.

?

Meus meninos

Vejam se descobrem onde se encontra o dono dêste cavalo?

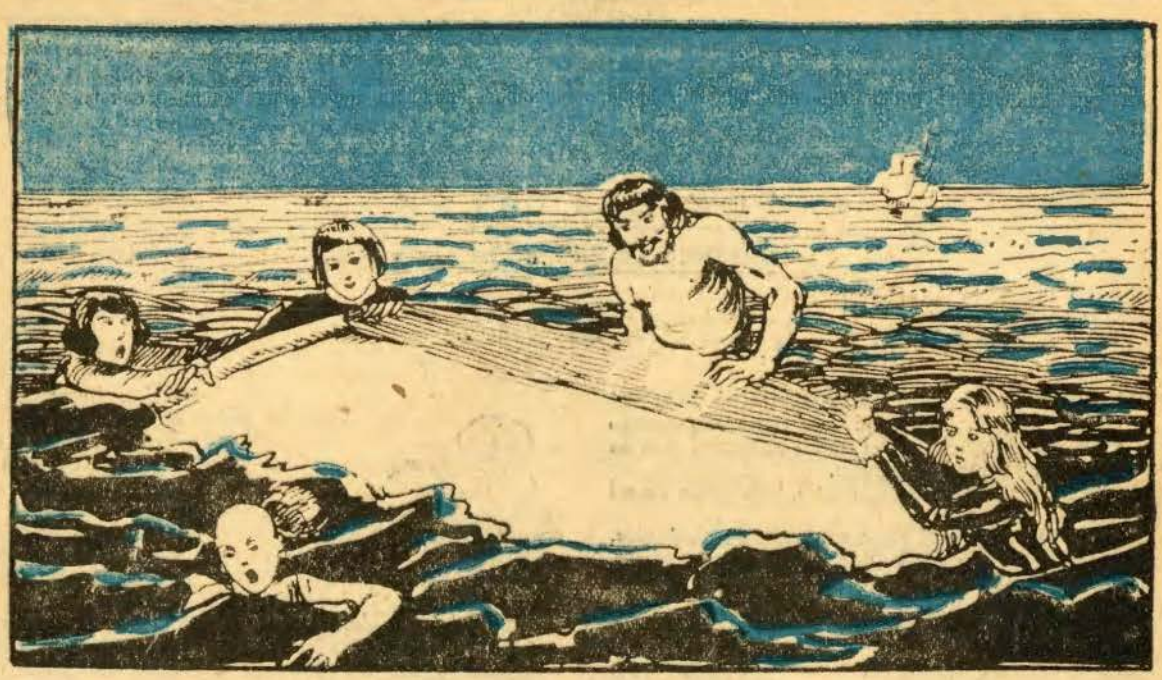
ADIVINHA

PARA MENINOS PEQUENINOS

Qual será esta adivinha,
Que é varinha de condão
E ao tocar numa caixinha
Faz lembrar uma estrelinha
A brilhar na escuridão?!

* * *

COLABORAÇÃO INFANTIL



A TRISTE FEIA

Por JOAO DA SELVA

Desenho de EDUARDO MALTA

(A propósito do conto de D. Sofia Santo Tirso:—«Alegre-a-Linda»)

ERA uma vez um príncipe, herdeiro único dum grande rei, que não queria casar, por não ter visto ainda mulher que lhe agradasse.

Em todas as princesas que lhe apresentavam achava sempre defeitos, por mais bonitas e bem feitas que elas fossem.

O pai, vendo-se velho e doente, e receando morrer sem deixar assegurada para o futuro, a sucessão directa ao seu trôno, chamou o filho, quando êste se aproximava dos vinte e cinco anos, e intimou-o a escolher imediatamente uma noiva para casar no dia do seu vigésimo quinto aniversário.

Foram convidadas para o palácio, princesas de tôdos os reinos então conhecidos, alguns muito próximos, visinhos mesmo, outros tão estranhos e afastados, que nem na raça, nem na linguagem se assemelhavam.

O príncipe, contudo, não dava importância a diferenças de tipos e de falas, conquanto a sua noiva plenamente lhe satisfizesse o gosto exigente e caprichoso, e o rei, cheio de indulgência, prometeu aceitar para nora, a escolhida do filho, sem atender a conveniências políticas, sempre respeitadas em casamentos principescos.

Começaram a chegar ao palácio as convidadas e o desdenhoso príncipe, rejeitava quasi todas, ao notar o mais ligeiro defeito, (por êle exagerado) nas pretendentes.

Uma por ser muito gorda, outra por ter apenas a pele e o ôsso, uma por alta demais, outra por baixa, esta pelo nariz grande, aquela pelos olhos pequenos, emfim, tantas foram devolvidas às suas respectivas côrtes, que só ficaram quatro, destinadas a uma escolha final; mas, entre estas, o príncipe havia de se decidir forçosamente, sob pena de seu pai, farto já de tantos caprichos, o desherdar a favor dum sobrinho seu.

O exigente noivo, hesitando sôbre qual devia cair a sua escolha, e, suspeitando, em todas, defeitos escondidos que, mais tarde lhe causassem decepção, lembrou-se de as sujeitar à seguinte prova:

Convidou as quatro princesas para um passeio de barco num lago perto do palácio, e, quando se achavam afastados da margem, fez virar tudo, de combinação com os remadores.

Tanto êles, como o príncipe, sabiam nadar e com facilidade endireitaram o barco e salvaram as navegantes, mas, nêste desastre, é que se descobriram os pontos fracos das pretendentes.

A uma, que deslumbrara o herdeiro do trono com a abundância e belêsa dos seus cabêlos loiros, ficaram êstes, (por serem postiços) nas mãos dos salvadores, deixando-a calva como um ôvo: a outra, que parecia uma flor rosada e fresca, tirou o banho os pós e as pinturas, destapando-lhe a pele bexigosa e sardenta; e à terceira, que saíra triunfante da prova do mergulho, aconteceu um fracasso ainda pior.

Já novamente embarcada e a caminho de terra, o sol, do qual não se podia abrigar por ter caído ao lago o docel que cobria o barco, derreteu, pouco a pouco, uma perfeitissima mascara de cêra, que trazia sempre, e o seu rosto amarelo e enrugado, apareceu a descoberto, com grande espanto de quem a rodeava.

Nem ao menos era nova essa pretendente do príncipe, e a êste, apenas restou a quarta princesa, a quem, nem o banho forçado nem os puxões nos cabêlos, nem finalmente, a soalheira no barco descoberto, conseguiram desfigurar.

Sempre parecera a mais bonita aos olhos do caprichoso rapaz, e agora, provava-lhe à evidência serem genuinas a sua mocidade e formosura. Foi, pois, a noiva escolhida.

Imagine-se como ficaram furiosas as três princesas, ao verem-se, não sòmente rejeitadas mas, ainda por cima, descobertos os habilidosos artifícios com os quais conseguiram, até então, iludir os incautos.

Ao menos eram novas as duas primeiras, mas a carcassa da velha, tendo-se-lhe derretido a perfeitíssima caraça de cera, caíra num ridículo tal, que ia estoirando de raiva.

De volta ao palácio ninguém podia fitá-la que não desatasse a rir às gargalhadas, apesar da severidade da etiqueta.

Ora, para grande perigo de quem a ofendia, esta velha gaiteira era uma bruxa temivel nêste ponto particular de tôdas as bruxas que, não podendo nem sabendo fazer nada de bom e de bonito, lhes é dado, para a prática do mal, um grande poder.

Fingiu-se conformada com o seu desastre e, em vez de retirar-se, como as outras princesas excluidas, deixou-se ficar no palácio, a pretexto de querer assistir aos festejos.

Esperou pacientemente pelo dia do casamento e na véspera à noite, transformada numa grande aranha, escondeu-se no quarto da noiva até que a viu deitada e adormecida.

Então, com tanto jeito e leveza que a pobrezinha nada sentiu, envolveu-a tôda numa teia espessa e viscosa e retirou para os seus aposentos passando por baixo das portas, graças à sua transformação.

De manhã, acordando muito cêdo, e sem esperar que viesse chamá-la a sua aia, a princezinha levantou-se e correu ao espelho, anciosa por verificar se estaria nêsse dia de bom parecer, de forma a não desagradar a um noivo tão exigente.

Qual não foi o seu horror ao achar-se desfigurada e mais feia ainda do que a última pretendente rejeitada do príncipe!

Os seus lindos cabelos loiros tinham desaparecido, achando-se agora tão calva como a sua rival de cabeleira postiça e por tôda a cara e cabeça, manchas avermelhadas como cicatrizes de queimaduras, envolviam-na numa espécie de lepra hedionda! Nem sobracelhas, nem pestanas guarneciam os olhos arroxados de espanto!

Ao cair no chão desmaiada, a infeliz deu um grito que fez acudir todas as suas aias, mas nenhuma pôde reconhecê-la naquele monstro que ali se via estendido no quarto.

Por mais que a princesa, ao voltar a si jurasse que era ela, ninguêm a quiz acreditar e tôda a côrte, assim como os próprios fidalgos do seu séquito, supuseram que tivesse havido uma substituição de pessoas e um rapto da linda noiva do príncipe.

Êste desolado, mandou-a procurar por toda a parte e fê-la expulsar a mendiga horrenda que tivera, (como êle supunha) a audácia de tomar o seu lugar..

A pobre princesa, por pouco não foi acusada do crime de feitiçaria de que ela própria era a vítima e, receando esta injustiça a mais, fugiu para os campos coberta com um vestidinho usado, que uma criada do paço lhe deu por caridade.

No entretanto, como *palavra de rei não volta atrás*, o pai do noivo dera a sua em como o filho casaria no dia do seu vigéssimo quinto aniversário, a feiticeira tomou o lugar da sua rival preferida.

O príncipe bem quiz esquivar-se a casar com aquela velha carcassa; mas como fugir ao seu compromisso e despedir os numerosos convidados, sem realizar a festa que êle tinha ali atraído?

Não houve remédio senão sujeitar-se ao ridículo papel de marido duma velha, êle que fôra o pretendido desdenhoso de tantas princesas novas, bonitas e elegantes!

— Quem muito escolhe, pouco acerta! — disse-lhe o pai que, embora muito indulgente, não mostrava grande tato quando se tratava de consolar o filho.

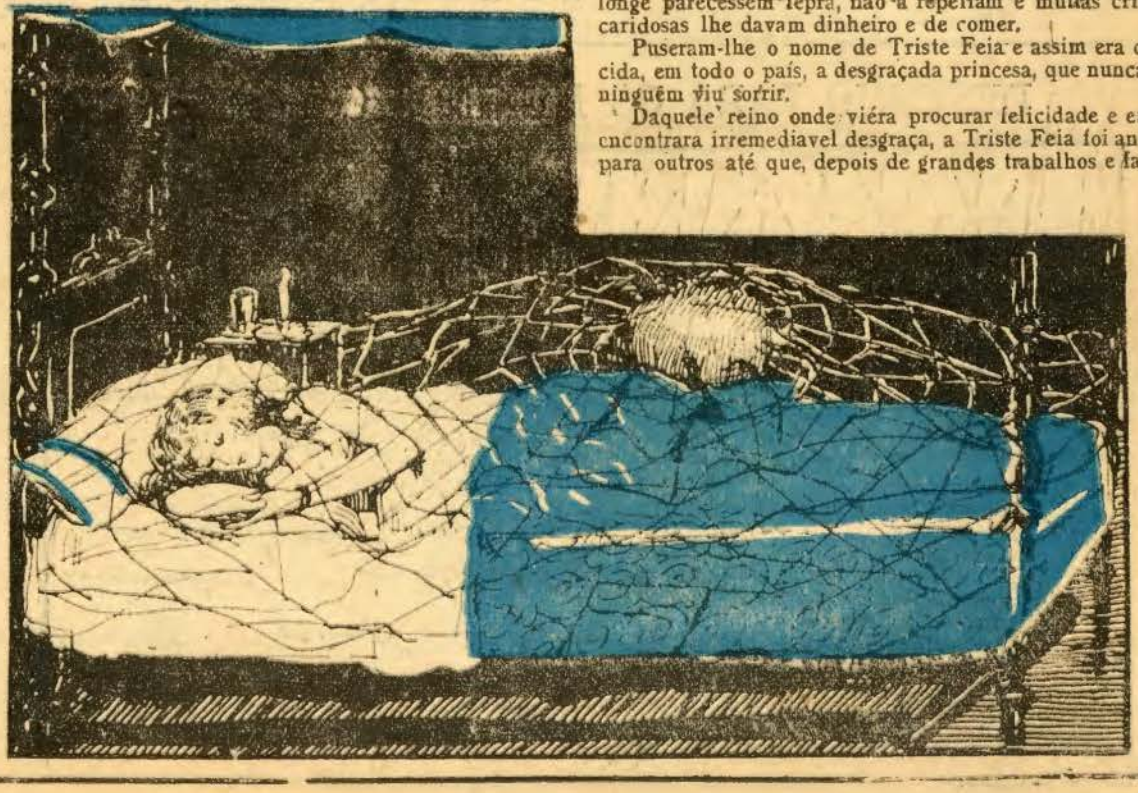
A consolação única dêste, foi nunca mais dirigir nem olhar, nem a palavra à sua mulher depois de proibi-la de fabricar outra máscara, ficando assim desmascarada (a menos fisicamente), a velha impostora.

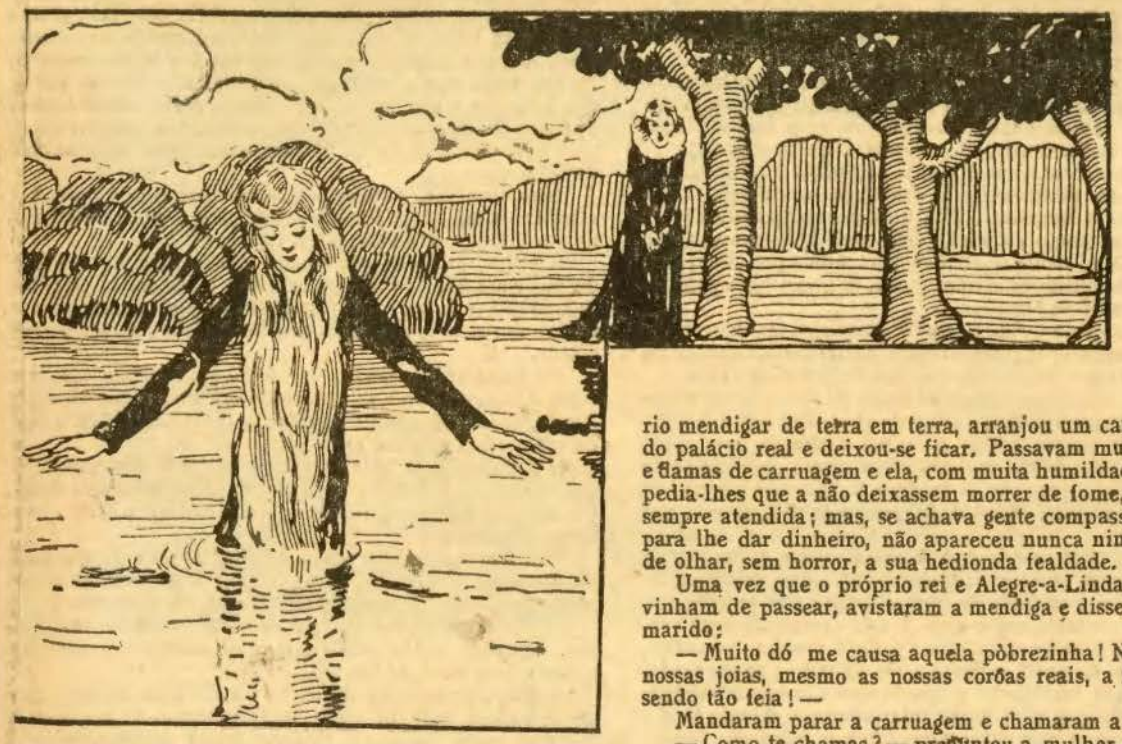
Da princezinha desaparecida sentia de cada vez mais saudades e ela, escorraçada por todos, não se atreveu a voltar logo à sua côrte, onde certamente ninguêm a reconheceria, a não ser pela voz, a sua própria mãe se vivesse ainda. Infelizmente esta morrera havia muito, e seu pai, sempre preocupado com guerras e intrigas políticas, não ouviria a primeira palavra que tentasse dizer-lhe aquele monstro de fealdade em que se transformara sua filha.

Sujeitou-se pois a princesa à sua triste sorte, que era andar de terra em terra e de porta em porta, pedindo esmola para não morrer de fome e, como as suas manchas desfigurantes não eram produzidas por doença de pele, embora de longe parecessem lepra, não a repeliam e muitas criaturas caridosas lhe davam dinheiro e de comer.

Puseram-lhe o nome de Triste Feia e assim era conhecida, em todo o país, a desgraçada princesa, que nunca mais ninguêm viu sorrir.

Daquele reino onde viéra procurar felicidade e em que encontrara irremediavel desgraça, a Triste Feia foi andando para outros até que, depois de grandes trabalhos e fadiga,





egou à sua terra natal. Ali soube que o rei, seu pai, falecra e que um seu irmão, ocupando agora o trôno, ía casar brevemente com uma princesa tão bonita e risonha que lhe camavam Alegre-a-Linda.

A' capital, chegavam já, de todos os pontos do reino e mesmo de países estrangeiros, caravanas de viajantes, para assistir às bôdas reais.

A Triste Feia, esperando receber, de tanta gente rica, esmolas suficientes para se remediar ali sem lhe ser necessário mendigar de terra em terra, arranjou um cantinho perto do palácio real e deixou-se ficar. Passavam muitos fidalgos e damas de carruagem e ela, com muita humildade e tristeza, pedia-lhes que a não deixassem morrer de fome, sendo quási sempre atendida; mas, se achava gente compassiva bastante para lhe dar dinheiro, não apareceu nunca ninguêm capaz de olhar, sem horror, a sua hedionda fealdade.

Uma vez que o próprio rei e Alegre-a-Linda, já casados, vinham de passear, avistaram a mendiga e disse a rainha ao marido:

— Muito dó me causa aquela pòbrezinha! Nem todas as nossas joias, mesmo as nossas corôas reais, a fariam feliz, sendo tão feia! —

Mandaram parar a carruagem e chamaram a infeliz.

— Como te chamas? — preguntou a mulher do rei.

— Deram-me o nome de Triste Feia, Rainha Alegre-a-Linda, — respondeu, — e já fui bonita, noiva, e filha de rei como tu! —

A soberana pensou que, alêm de horrenda, a mendiga sofresse também de desarranjo na cabeça e olhou, assustada para o marido. Êste preguntou, zombeteiro:

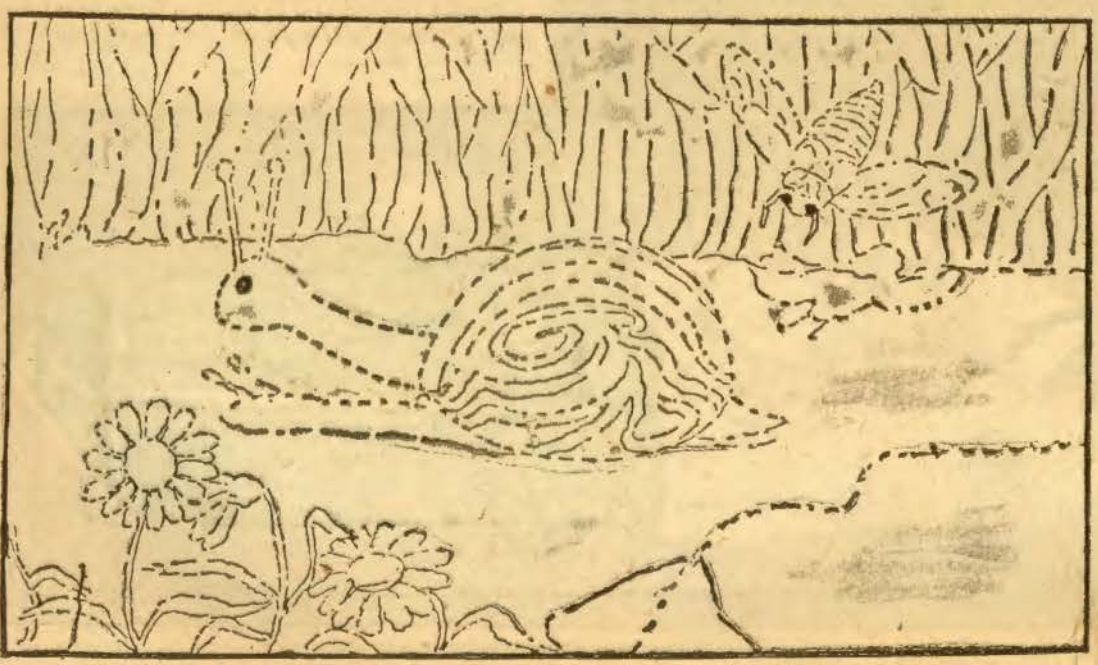
— Quantos anos de velhice te foram precisos, para uma mudança tão grande? —

— Apenas três, Real Senhor! —

— E quem te roubou o título de princesa? — continuou o rei, supondo-a velha e maluca.

(CONTINÚA NO PRÓXIMO NUMERO)

DESENHO PARA OS MENINOS COLORIREM



chegava com maiores calores ainda, e as claridades cegavam, descobriu uma terra, onde a verdura, os frutos e as flores tinham uma intensidade de côr, de gôsto e de perfume, como em parte nenhuma êle vira ainda.

Uma criatura linda, que parecia vestida com o clarão da aurora, veio ao seu encontro, dizendo-se a Fada do Sol e prometendo fabricar-lhe um anel de noivado de qualquer modelo que êle pudesse desejar.

Levou o viajante para o seu palácio, onde lhe mostrou, transformado em joias, o oiro do sol. Eram pulseiras, fios, colares de contas, cadeias, tudo emfim que se possa imaginar como adornos de mulher.

Com as suas mãos pequeninas, a fada fabricava todas estas preciosidades, agarrando no ar os raios do sol e à vista do príncipe, surpreendido, assim esculpiu um anel delicadíssimo que lhe entregou. Mas apenas êle tocou o oiro mágico do anel, varreu-se-lhe da memória toda a lembrança da noiva e não recordou nada da sua vida anterior. Fascinado pela vista de todo aquele oiro, passava os dias e as noites em festas brilhantes, na companhia de muitas fadas e rapazes vindos de vários pontos do mundo e de tal maneira se habituou ao país do sol, que não quís mais sair de lá.

CAPÍTULO V

A PRINCESA VAI PROCURAR OS SEUS PRIMOS

Havia já quási um ano que tinham partido os três príncipes e na côrte estavam todos muito tristes por não haver notícias dos viajantes. O rei, sobretudo, afligia-se, pois receava morrer sem deixar a filha casada. Umas vezes zangava-se, atribuindo-lhe a ela a culpa no desaparecimento dos sobrinhos, outras, tinha muita pena dela, supondo-a desarranjada do juizo.

A princesa sentia-se também aflitíssima, receando que, pèr sua causa tivessem morrido os primos, mas não a mordiam remorsos porque não fizéra mais que obedecer às vozes misteriosas dos sinos. Além disso nunca se poderia decidir a casar sem saber qual dos pretendentes lhe queria mais. Era essa uma das razões das suas recusas até então. Esperára acertar na escolha, aceitando aquele que, com maior prontidão cumprisse o seu mandato, mas ia-se passando o tempo e nenhum dêles voltava.

No dia em que fazia um ano que êles tinham partido, a princesa, ainda deitada, ouviu de manhã cedo, a voz longínqua dum sino que dizia assim:

— *Princesa, já te não casas! Perdeste o noivo por causa do vestido do noivado! Já te não casas, Princesa!*

Em seguida, pareceu-lhe ouvir uma risada de troça e tudo se calou.

Daí a alguns instantes, veio de muito longe e de lado diferente, outra voz de sino que falava assim:

— *Princesa, pérdeste o noivo por causa do véu do noivado! Com quem casarás, Princesa?* E nova risada se seguiu a estas palavras.

Passados momentos, quando a filha do rei, já levantada, olhava da janela que dava para o nascente, soou uma terceira voz de sino falando-lhe e escarnecendo a sua tristeza.

— *Princesa,* — dizia êste sino, — *já te não casas! Perdeste o teu noivo, aquele que mais te queria, por causa do anel do noivado! Ele agora só quere o oiro e não te quere a ti!*

Ao ouvir esta última sentença, a princesa perdeu de todo o ânimo, pois era o príncipe mais novo aquele que no seu íntimo preferia e o que ela esperava regressasse primeiro. Sentiu-se aflitíssima e arrependeu-se de ter escutado aquelas vozes misteriosas que a enganaram e agora, ainda por cima, a escarneciam!

Foi ter com o pai e, contando-lhe tudo, pediu-lhe licença para ir por êsse mundo, procurar os príncipes perdidos por sua causa. O rei, já desconfiado de que a filha não estivesse boa do juízo, convenceu-se agora que ela o perdera inteiramente e caiu em grande tristeza, tanto mais que o seu povo continuava murmurando e os países vizinhos projectavam a conquista do reino tão depressa êle morresse sem herdeiros.

Não falou a ninguém na loucura da filha, mas mandou-a vigiar por pessoa da sua maior confiança ainda esperançado que algum dos príncipes regressasse e a tomasse por mulher:

No emtanto, apesar da vigilância que a cercava, a princesa deliberou escapar-se e nessa mesma noite conseguiu fugir, adormecendo a sua aia com uma bebida.

Vestiu-se com o fato dum pajem e, acompanhada do velho criado, montou a cavalo e partiu na direcção do sul. Fora de lá que viera a primeira voz e por isso queria começar por êsse lado a sua expedição.

Quando chegou aos maravilhosos jardins da Fada do Luar, esta lá andava com as suas companheiras, talhando e cosendo um vestido de noivado que depois de pronto lhe vestiram; mas, quando assim preparada, a levaram ao palácio e a apresentaram ao primo mais velho, êste não a reconheceu, nem recordou a sua vida passada.

Então a Fada do Luar e as suas companheiras riram-se muito e disseram:

— Olhem a princesa sem noivo e já vestida pra casar: —

A princesa sem se ofender com êstes gracejos, agradeceu o vestido às fadas, despediu-se delas e do primo e pôs-se em direcção do Norte.

Quando chegou às grandes florestas onde se julgara pedido o segundo príncipe, encontrou a linda Fada dos Carvalhos que lhe preguntou, muito amavelmente o que desejava.

— Venho procurar o meu noivo que se perdeu nestas terras, querendo arranjar-me o veu de noivado. —

A Fada escolheu para a viajante o mais lindo veu que ela tinha, enfeitou-a com êle e levou-a ao príncipe, mas exactamente como sucedera com o irmão, êste olhou para ela sem a reconhecer e declarou sentir-se ali muito feliz não tencionando partir para parte alguma.

A Fada-rainha e as outras que a acompanhavam, riram-se ao presenciar esta scena e disseram:

— Olhem a noiva sem noivo, e já com o vestido e o veu para casar: —

A princesa não ligou importância a estas troças e despediu-se das fadas, agradecendo muito o veu.

Partiu imediatamente para o Reino da Aurora, onde chegou passado alguns mêses.

A Fada do Sol veio ao seu encontro, preguntar-lhe o que ela desejava.

— Procuro o meu noivo, — respondeu a filha do rei, — que se perdeu aqui para arranjar o meu anel de noivado. —

A linda fada sorriu-lhe amigavelmente e levou-a pelas ruas do seu jardim ao encontro do príncipe, que, na companhia de outras fadas e alguns conhecidos recentes, se divertia, jogando e comendo a deliciosa fruta das árvores.

Assim que viu a prima, largou tudo e embora o oiro mágico do anel lhe tivesse feito esquecer até então a sua vida passada, reconheceu-a imediatamente.

Tirou o anel de oiro reluzente, feito de raios de Sol e meteu-o no dêdo da sua noiva, apresentando-a como tal na côrte da Fada Aurora.

Estas e todos os fidalgos e damas festejaram entusiásticamente os príncipes num banquete dado em sua honra.

Depois da festa, a Fada do Sol explicou aos noivos que a sua intenção não fôra nunca separá-los, mas sim pôr à prova a sua dedicação um pelo outro e torná-los felizes.

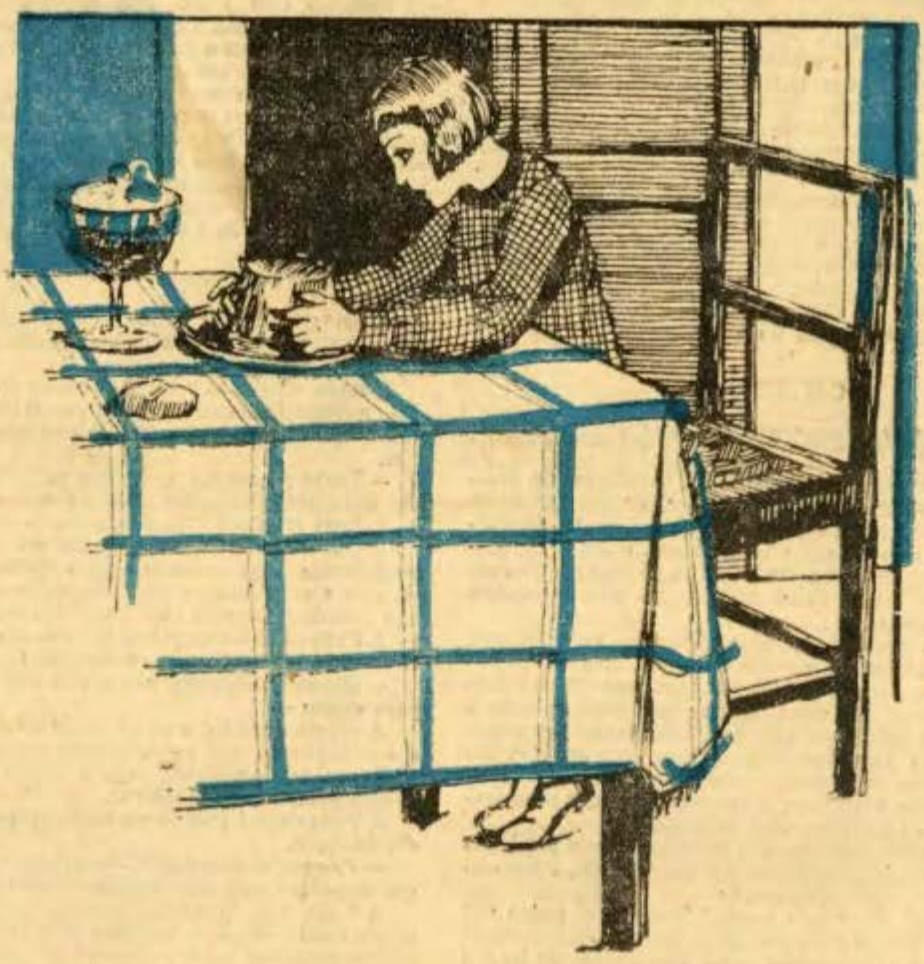
Eles agradeceram todos êstes benefícios e apressaram-se a regressar ao seu país, onde a inexplicavel ausência da princesa, causava a maior ansiedade.

O rei, supondo que a loucura tivesse arrastado à morte a sua filha, não esperava mais tornar a vê-la e muito menos ainda qualquer dos sobrinhos ausentes desde há tanto tempo. Imagine-se por isso a sua felicidade e a alegria que se espalhou por todo o reino quando a princesa regressou acompanhada do seu noivo.

Trajando o seu vestido de luar bordado a folhas de rosa e corações de acucenas, envolvida na névoa orvalhada do seu veu, a noiva a todos maravilhou nas festas esplêndidas do seu casamento, mas maior maravilha ainda foi o anel de raios de Sol, que deu aos noivos a mais perfeita felicidade.

FIM

FOI O GATO...



POR GRACIETTE BRANCO

DESENHO DE EDUARDO MALTA

O Rinhanháu
do Bébé,
é máu!...
lá isso é que é!...

Com pressa,
foi à travessa,
e papou, dum trago só,
um bolinho com recheio,
um pastel e um pão de ló!
... — Que feio, Jesus! que feio!...

Vem a Mamã — táu-táu-táu —
deu em Mestre Rinhanhau...

Bébé, assistiu à scena...
teve pena
mas calou...
e em sua cabeça feia
logo uma ideia
brotou.....

.....
.....

Á hora da sôbremesa,
tudo à mesa!
— ... que canudo!...
Diz o criado,
coitado:
— Nem um pudim! um gelado!
Quem quer que foi comeu tudo!...»

... O Bébé... atrapalhado...
ao ver-se muito fitado,
põe os olhinhos no prato...

— Quem comeu?... Quem não comeu?... —

Diz o Bébé: — Não fui eu...
Ai! não fui eu...
fôi o gato...